

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A Cinemateca com a Festa do Cinema Italiano: O Outro 25 de Abril
9 e 17 de Abril de 2024

L'AGNESE VA A MORIRE / 1976

Inês vai morrer

um filme de Giuliano Montaldo

Realização: Giuliano Montaldo / **Argumento:** Nicola Badalucco a partir de romance homónimo de Renata Viganò / **Fotografia:** Giulio Albonico / **Som:** Roberto Alberghini / **Música:** Ennio Morricone / **Montagem:** Franco Fraticelli / **Música:** Ennio Morricone / **Cenários:** Umberto Turco / **Guarda-Roupa:** Vittoria Guaita, Gitt Magrini / **Interpretação:** Ingrid Thulin (Agnese), Stefano Satta Flores (Comandante), Michele Placido (Tom), Aurore Clément (Rina), Ninetto Davoli, William Berger (Clinto), Flavio Bucci (o pugliese), Rosalino Cellamare (Zero), Alfredo Pea (Tonitti), Roger Worrod (Oficial britânico), Gino Santercole (Piròn), Eleonora Giorgi (Vandina), Johnny Dorelli (Walter), Massimo Girotti (Palita), Dina Sassoli (Minghina), Gabriella Giorgelli (Lorenza).

Produção: Palamo Film (Itália) / **Direcção de Produção:** Giorgio Agliani / **Cópia:** em DCP, cores, versão original falada em italiano, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 133 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 29 de Setembro de 1976, Itália / **Estreia comercial em Portugal:** 1 de Fevereiro de 1980 / Primeira exibição na Cinemateca.

L'Agnese Va a Morire- filme é uma adaptação do romance homónimo de Renata Viganò, uma das mais importantes obras do neorealismo literário sobre a resistência italiana editada em 1949. Baseando-se na experiência da autora enquanto membro da resistência *partigiana*, o livro foi escrito poucos anos depois dos acontecimentos ficcionados, sendo a protagonista do livro e do filme, Agnese, mulher que vive com o marido e que é lavadeira de profissão, tornando-se membro activo da luta contra a ocupação nazi de Itália.

Rodado três décadas depois da publicação do romance, a narrativa do filme é escurrita: depois de acolherem em casa um jovem fugitivo, Palita, homem doente e marido de Agnese, é denunciado e preso pelos ocupantes alemães, morrendo enquanto é deportado para um campo de concentração de comboio (saberemos da sua morte por um relato posterior). Os seus companheiros da resistência tentam recrutar Agnese, que decide “alistar-se” depois de um soldado alemão matar selvaticamente o seu gato, tornando-se uma “estafeta *partigiana*”.

Corajosa, altruísta e dedicada, a personagem de Agnese vive em função dos jovens *partigiani*, que passam a ser a sua família. Analfabeta e distante da política italiana, Agnese é uma mulher com alguma idade que pouco entende de fascismo e do comunismo, mas move-a uma enorme força interior. Discreta e silenciosa (para muitos demasiado dócil e submissa), a riqueza da sua personagem reside na componente indomável e inesperada. Agnese é Ingrid Thulin, que confere expressão e uma beleza natural a uma figura cuja caracterização e descrição por terceiros está frequentemente distante do rosto e do corpo que temos perante os nossos olhos. É natural que se destaque a diferença entre o papel dos homens e das mulheres num cenário de guerra, e é natural que se destaque também a

diferença entre jovens e idosos, mas torna-se forçado o número de vezes em que no filme é verbalizada a condição de idosa de Agnese, pois tal não corresponde propriamente à imagem de quem temos à nossa frente.

Mas tal retrato apresenta zonas misteriosas que nos colocam dúvidas sobre a vida anterior de Agnese e sobre a sua suposta felicidade conjugal: Porque o marido não a ensinou a ler? (questão colocada pelo Comandante a dada altura); Porque Palita seria denunciado pela jovem vizinha? Haveria nesta denúncia alguma motivação de foro íntimo? Talvez as dúvidas sejam nossas, mas há sempre algo de não dito que paira no ar, conferindo a **L’Agnese Va a Morire** uma adicional complexidade.

Não insistindo na componente psicológica, o filme retrata a violência dos alemães (o enforcamento na praça, a brutal morte do gato, a chacina dos vizinhos de Agnese), a coragem (mas também os momentos de fraqueza) dos resistentes italianos, e o abandono dos soldados aliados, sem ser excessivamente maniqueísta. Mas fá-lo inserindo a história de Agnese no contexto de um retrato da vida camponesa de então e de uma certa tradição neorealista, não esquecendo que estamos em meados dos anos setenta.

Uma das sequências mais conseguidas de **L’Agnese Va a Morire** é aquela em que Giuliano Montaldo tira pleno partido da paisagem e em que o realismo atinge um lirismo muito forte, para o qual contribui a atmosfera misteriosa assente na neblina própria do cenário natural em que se inscrevem as personagens. Escondem-se na laguna de Valle di Commachio, terra de pescadores e de salinas, com os seus característicos bosques e canais, e as suas barcas percorrem as águas silenciosas. É aqui que a força da fotografia de Giulio Albonico tem ocasião para se manifestar no retrato de um deslumbrante décor. Mas é quando os alemães rebentam os diques que **L’Agnese Va a Morire** atinge o seu apogeu em termos de tensão psicológica e de *mise en scène*. Os longos momentos de espera, o sofrimento daqueles que estão retidos no meio da imponente paisagem gelada, a pressão instaurada pelo isolamento em condições sub-humanas.

“Eu sou velha, mas tu podes voltar para casa e testemunhar o que viste”, diz a dada altura Ingrid Thulin. Palavras clarividentes de uma personagem que testemunha muitas mortes e que está, ela própria, condenada à morte. Sabemos desde o início que, não obstante o que possa acontecer, Agnese vai morrer. É isso que nos diz o título. E é com a sua morte que termina o filme.

Joana Ascensão